

O CASO MICHEL FOUCAULT: POR UMA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA.

MATIAS, José Eduardo¹; ESPIG, Marcia Janete²

¹Graduando em História Licenciatura UFPEL; ² Universidade Federal de Pelotas; Departamento de História. marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO:

Neste espaço apresento uma breve discussão sobre algumas questões da historiografia contemporânea, focando especificamente na recepção das contribuições de Michel Foucault para o conhecimento histórico. Personalidade instigante do pensamento contemporâneo, sua influência é perceptível nas mais diversas áreas das ciências humanas. Contribuiu com novas temáticas e referenciais para trazer luz às zonas de escuridão, criadas a partir do processo de formação do homem moderno.

No decorrer desta pesquisa que ainda se encontra em curso, foi possível notar que, devido a sua grande repercussão, a obra de Michel Foucault sofreu duras críticas nas diversas áreas do conhecimento que penetrou. No caso da história veremos a seguir alguns exemplos que demonstram a relevância dos estudos de história da historiografia, pois parece lícito afirmar que em determinados momentos, grandes nomes da academia acabam adotando atitudes prejudiciais ao desenvolvimento de novas concepções do saber histórico.

2. METODOLOGIA:

A metodologia utilizada durante a pesquisa se constituiu basicamente na análise de textos de maneira crítica, tentando confrontar as obras de Michel Foucault e autores que seguem seu referencial teórico com as obras de autores que dele se afastam, principalmente tentando localizar as origens das críticas, com o objetivo de observar a consistência científica de suas argumentações.

Para fundamentar esta discussão, foi importante minha atuação no Grupo de Estudos sobre Teorias da História, desenvolvido junto ao curso de História da UFPEL, que se constituiu num rico espaço de intensos debates sobre correntes divergentes da historiografia.

No âmbito internacional, o foco deste estudo se deu sobre os trabalhos do historiador italiano Carlo Ginzburg, tendo em vista as suas contundentes críticas com relação a Michel Foucault. Já no cenário nacional, o foco pertence aos historiadores Ciro F. Cardoso e Jurandir Malerba. Assim como é o caso de Ginzburg no cenário mundial, estes pesquisadores são personalidades importantes da historiografia brasileira, com diversos títulos publicados sobre teoria e metodologia da história.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Parto do princípio que tanto Carlo Ginzburg quanto Ciro F. Cardoso e Jurandir Malerba ocupam espaços de poder constituídos a partir de suas relações com os saberes. Estes espaços de poder (cargos institucionais, *status* editorial) e esses saberes (linhas, correntes, escolas e/ou referenciais teóricos) fazem com que seus discursos adquiram, num primeiro momento, grande divulgação, e o mais

importante, dependendo da análise a que forem submetidos, acabam tomando forma de verdade e/ou forma de prova.

Utilizo como base desta argumentação a idéia de Michel Foucault sobre a indissociável relação entre o poder e o saber. Segundo o filósofo, esta relação, ou este nexos, se constitui em uma grade de análise que torna compreensível os momentos de erupção de novos conhecimentos, de novos saberes (FOUCAULT, 2009).

Esses elementos, principalmente os dois últimos – verdade e prova – são determinantes para que se defenda a importância de um ramo de conhecimento responsável por analisar a escrita da história, de maneira crítica, com o objetivo maior de evitar que sentidos comuns tomem forma de conhecimento científico e ganhem publicidade no meio acadêmico. Tais resultados são extremamente dolosos para a construção do conhecimento histórico, pois acabam impedindo o livre debate entre os saberes e minando as possibilidades de erupção de novos conhecimentos.

Essa prática, ou seja, a disseminação de sentidos comuns, surge a partir de passagens infelizes de grandes historiadores, ou mesmo como fruto de militância teórica em defesa de corrente “A” ou “B”. Para defender esta argumentação apresento a seguir algumas dessas passagens.

No prefácio do famoso livro “*O Queijo e os Vermes*”, Carlo Ginzburg faz um levantamento sobre as maneiras de escrever a história das culturas populares, fazendo uma crítica a três autores, entre eles Michel Foucault. Ginzburg critica a opção de Foucault por não interpretar as memórias de Pierre Rivière. Para Ginzburg “A relação, obscura e contraditória, de Pierre Rivière com a cultura dominante é apenas mencionada; suas leituras (almanaques, livros de piedade, mas também *Le Bon Sens du curé Meslier*) são mesmo ignoradas”. O autor define esta opção de Foucault como um “irracionalismo estetizante” (GINZBURG, 2006, p.17).

Alguns elementos são importantes para a crítica à esta argumentação. Primeiro, tendo em vista que o objetivo da publicação de Foucault no âmbito do GIP (*Groupe de Informations sur les Prisons*, conforme ALBUQUERQUE, 2007) é justamente dar voz aos discursos dos prisioneiros, conclui-se que Foucault não possuía a opção pela interpretação, que basicamente não fazia parte do objetivo do grupo por ele capitaneado. E, segundo, como Ginzburg não define o que quer dizer com a expressão “irracionalismo estetizante”, resta-me supor que este termo corresponda à idéia de que a opção pela não interpretação foi o caminho irracional a ser tomado, e com estetizante, é provável que o autor esteja apontando para a ideia de uma análise estética do caso, ou mesmo um culto aos discursos do criminoso.

Vemos que as críticas de Carlo Ginzburg são pertinentes apenas se analisadas superficialmente ou por aquele leitor que possuir pouco conhecimento sobre as obras de Michel Foucault. Outra conclusão possível tem relação com a conhecida “hiper-erudição” do autor italiano, que, conforme notado por ALBUQUERQUE (2009b) conduz o leitor, que é privado da possibilidade de realizar a crítica das fontes, a acreditar naquilo que o autor afirma, transformando seus argumentos em fonte, em prova. De fato Carlo Ginzburg não informa sobre os objetivos da publicação de Michel Foucault, apenas constrói uma crítica vazia baseada na falta de conhecimento do leitor.

Ainda com relação à citação de Ginzburg é possível supor o tipo de tratamento que Ginzburg daria ao caso de Rivière, subjugando todas as suas especificidades a uma cultura provavelmente exterior a ele, cultura esta que ainda não possuía meios, seja jurídicos ou psiquiátricos, para julgá-lo. Esta comparação

entre os casos de Rivière e Menocchio já foi elaborada de forma bastante consistente por ALBUQUERQUE JR. (2007).

Agora passo a expor algumas passagens de historiadores brasileiros. Primeiramente sobre os debates em torno do termo “Pós-Moderno” e logo em seguida sobre a relação de Foucault com o Estruturalismo. É bastante comum encontrar referências que afirmam Michel Foucault como um pensador “pós-moderno”. Fato verificável em vários livros, entre os quais CARDOSO (1997 e 2005); MALERBA (2008) e REIS (2006).

Sobre este aspecto retorno novamente ao historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr, que recentemente publicou um artigo apontando a dificuldade de se enquadrar Michel Foucault como um pensador “pós-moderno”. E isto devido a, principalmente, duas questões teóricas: a preocupação com a constituição do homem moderno, um traço comum a diferentes pesquisas de Foucault, e a atitude perante o conhecimento e a sociedade atual, a crítica constante, esta uma característica marcante do próprio projeto da modernidade. Essas constatações expostas por ALBUQUERQUE JR. (2009) fizeram surgir durante a pesquisa um questionamento com relação a utilidade prática do termo “pós-moderno” dentro do conhecimento histórico. Tendo em vista que é difícil pensar algo fora do modelo de crítica que a modernidade instaurou, essas “novas” correntes historiográficas são internas a modernidade, e não externas, seguindo o mesmo modelo do projeto moderno.

Com relação ao estruturalismo, Jurandir Malerba traz um precioso exemplo de uma omissão que, por um lado, fundamenta sua crítica ao estruturalismo, e por outro, prejudica a interpretação das idéias de Michel Foucault. “Foucault é o homem das descontinuidades, das rupturas, das epistemes. Nega o homem (o sujeito) e a história (a continuidade). A **morte do homem** tem fundamentação nietzsche-heiddegeriana (*sic*), baseada na rejeição radical do humanismo: o homem consciente sujeito de sua história desaparece” (2008, p.29).

Nesta passagem Malerba foca no Foucault de “*As Palavras e as Coisas*”, e o projeta para todo o restante de suas obras, fazendo entender que Foucault é um pensador estruturalista e a-histórico. A partir da leitura de François Dosse (2001), fica evidente que Jurandir Malerba fez uma interpretação deturpada de Foucault, pois Dosse expõe que o Foucault de “*As Palavras e as Coisas*” não é o mesmo de “*Arqueologia do Saber*”, e transforma-se em outro quase que completamente diferente nas obras dos anos 1970 e 1980, noção de mudança que facilita consideravelmente a compreensão das obras de Michel Foucault. Porém, o mais instigante é notar que Jurandir Malerba não entende que para cada descontinuidade (ou ruptura) existe uma continuidade. Uma das críticas que Michel Foucault faz, é justamente direcionada àqueles que enxergam apenas as continuidades, e não os momentos de ruptura.

4. CONCLUSÃO:

Esta pesquisa, ainda inconclusa, deseja incitar a discussão sobre vários pontos das contribuições teórico-metodológicas de Michel Foucault, autor que se tornou uma grande referência nas mais diversas áreas do conhecimento. Trazendo novas temáticas e objetos ao foco da história, segundo Jacques Revel (1993, p.337-340), Foucault se constituiu numa das maiores influências no campo historiográfico de orientação francesa da segunda metade do século XX.

Neste espaço foi possível tratar apenas de uma das constatações permitidas por esta pesquisa, a importância de uma História da Historiografia. Nos trechos citados foi possível demonstrar como se deu a leitura de alguns pontos da obra de Michel Foucault por alguns de seus críticos. E, indo mais além, fundamentar a importância de um ramo do conhecimento histórico responsável por estudar o desenvolvimento do conhecimento, para evitar que posições baseadas em argumentações frágeis se transformem em senso comuns acadêmicos, contribuindo assim para construir verdadeiros preconceitos historiográficos.

De fato, um dos melhores aprendizados que esta pesquisa vem proporcionando é a repulsa ao pensamento por exclusão, aquele tipo de raciocínio através do qual somos condicionados academicamente a acreditar que determinadas correntes ou escolas são erradas ou perigosas. Voltando a relação poder-saber, é possível afirmar que este tipo de atitude se mantém no meio acadêmico pois serve à manutenção de cargos institucionais e, conseqüentemente, facilita a obtenção de recursos financeiros, sem falar é claro do *status* adquirido.

5. REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

_____. Entre Luzes e Sombras: Michel Foucault, Um Pensador Pós-Moderno?. **Caminhos da História**. UNIMONTES, V.14, n.2, p. 11-28. 2009a.

_____. O Caçador de Bruxas: Carlo Ginzburg e a Análise Historiográfica Como Inquirição e Suspeição do Outro. **Saeculum**. João Pessoa, V. 21, p. 45-63. 2009b.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro F. **Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaio**. Bauru-SP, EDUSC, 2005.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo: Da historia em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo, Unesp, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. (Coord.). **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX**. Rio de Janeiro, Graal, 1991.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MALERBA, Jurandir. Estrutura, Estruturalismo e História Estrutural. **Diálogos**, DH/PPH/UEM, V.12, n.1, pág. 19-55, 2008.

REIS, José Carlos. **História e Teoria**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REVEL, Jacques. Verbete "Michel Foucault". In: BURGUIÈRE, André (org). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago ed., 1993. p. 337-340.